

# A NOÇÃO DE PULSÃO DE MORTE NOS TEXTOS FREUDIANOS

Willian Pereira da SILVA (PIBIC/CNPq/UFSJ)

Wilson Camilo CHAVES (Orientador)

Curso de Psicologia/ Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ

A presente pesquisa objetivou investigar o conceito de pulsão de morte, tal como elaborado por Freud nos textos "Além do princípio do prazer" e "O mal estar na cultura", articulando-o com a concepção que Lacan faz dele no seminário "A ética da Psicanálise", enfatizando os aspectos éticos da experiência psicanalítica e analisando a noção de transgressão, tão aclamada nessa obra lacaniana. A investigação orientou-se pela recomendação de Canguilhem no trabalho com um conceito, pela qual se deve fazer variar sua extensão e compreensão, generalizando-o pela incorporação de traços de exceção, exportando-o para fora de sua região de origem, tomando-o como modelo ou inversamente buscando-lhe um modelo para, em breve, conferir-lhe progressivamente, por transformações regradas, a função de uma forma. Desse modo, a articulação, na medida do possível, do conceito de pulsão de morte com a ética da Psicanálise, proposta por Lacan no seminário VII, foi estabelecida. O conceito de pulsão de morte na teoria freudiana é enunciado e aproximado da especulação e do livre jogo da imaginação, mas logo adquire todo o raciocínio experimental exigido pela ciência. Em um primeiro momento, a noção de pulsão de morte, em Freud, é vista como um impulso inerente à vida orgânica a restaurar um estado anterior de coisas e encontra-se piamente referenciada a uma energética. Em um segundo momento, é elaborada como força disjuntiva e autônoma, estritamente relacionada com a destrutividade. Já Lacan, no seminário sobre a ética da Psicanálise, propõe o gozo como um mal, como transgressão, sendo a pulsão de morte uma vontade de destruição direta. Nesse sentido, pode-se falar de um paradoxo do gozo. Se, por um lado, cada dose de agressão absterida pelo sujeito aumenta a consciência moral, por outro, cada fragmento de gozo exercido incrementa uma dívida insaldável e não dá a garantia de uma satisfação. Na perspectiva do gozo de transgressão, a pulsão de morte se apresenta como um excesso. A pulsão de morte está estritamente marcada como excesso, como o "mais além" do princípio do prazer, da lei e da representação. Desse modo, a pulsão de morte é caracterizada como o que há de mais pulsional na pulsão, como pura dispersão. Ela se figura como vontade de destruição direta e, por isso mesmo, como vontade de criação a partir do nada. A pulsão de morte, atuando como disjunção, possibilita o surgimento do novo e de diferenças, que caracterizam o desejo, ao contrário das ações da pulsão de vida, a qual, buscando a integração de uma unidade maior, resulta em indiferenciação. A cultura, com suas exigências, move-se por um "ideal de unidade". Entretanto, seu programa não pode se eximir da existência deste embate entre pulsões de vida e de morte, característico da vida humana. Por essa ótica, a pulsão já não é redutível à complexidade da tendência entendida em seu sentido mais amplo de energético, antes comporta uma dimensão histórica que se marca pela insistência com que ela se apresenta. A rememoração, a historização, é coextensiva ao funcionamento da pulsão no que se chama de psiquismo humano. É igualmente lá que se grava, que entra no registro da experiência, a destruição. É uma vez que é pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado. Ela é então uma vontade de destruição direta. A pulsão de morte, caracterizada como a pulsão em si mesma, é, portanto, vontade de recomeçar com novos custos, vontade de

Outra-coisa, pondo tudo em causa a partir da função do significante. Os resultados da investigação apontam na direção de uma positividade da negatividade do conceito de pulsão de morte. Assim, se num dado momento, ele é visto como tendência a retornar a um estado anterior de coisas, em outro, ele se caracteriza como vontade de destruição, e, portanto, como força de criação a partir do nada. O conceito de pulsão de morte reflete antes o “que é pulsional em si mesmo”, tal como Freud propõe com o conceito de pulsão. Além disso, o trabalho deixa margem para a reflexão ética da psicanálise, pela qual é possível existir propostas éticas tão diferentes e não há mais nada além do que esse campo da Coisa a orientar a ação do sujeito. Numa análise mais geral, os diferentes comportamentos humanos são determinados pela moralidade que, como sistema de regras, impõe valores positivos e negativos. O processo civilizatório leva em conta tal disposição. Pela mesma razão, se pode falar de uma ética da Psicanálise.

Palavras-chaves: ética da psicanálise; pulsão de morte, gozo de transgressão.